

PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO • CULTURA • RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48 - A
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

CADA região é uma pátria. Aquele que não ama a região onde nasceu, nunca poderá amar a Pátria.

Assim, tudo o que contribuir para ligar o indígena à região, é sempre contribuição em favor da Pátria.

Por isso, bem haja «A Província», agora aparecida, que se propõe defender a bela e rica região montijense.

A unidade das pátrias obtem-se pela soma da diversidade das regiões.

O que distingue uma de outra região, eis a singularidade. Contribuir para que essa distinção se afervore e mantenha, é, ou deve ser, a principal e maior tarefa dum semanário regional.

Dizia-nos há pouco um amigo: «Não há maior tris-

teza do que nascer em Lisboa. Nada nos liga, nada nos une à terra onde nascemos, pois ela é terra de todos.»

Este amigo, que assim sentia, havia elegido como terra sua a aldeia de seus pais e avós, a «sua aldeia».

secular, a cuja sombra amiga haviam descansado muitas gerações, às quais ele se sabia, e sentia, ligado por esse laço indestrutível que é a cadeia dos nossos mortos.

Na pia baptismal onde levava os filhos, haviam-se

O que este amigo havia compreendido, é, afinal, a razão mais profunda do amar ao lar, à terra e à região.

Na vida, o homem é o representante último dos sacrifícios, das dores e das alegrias, de todos os que vieram antes dele. Será mal formado se engeitar tal herança, muito mais viva e muito mais honrosa do que os dobrões luzidios ou as douradas libras do património material da família a que pertence. Mais: se engeitar a primeira herança, que títulos pode apresentar para receber a segunda?!

REGIONALISMO

por ALVES MONTEIRO

Lá, tudo lhe falava da família.

Lá, o pão era mais sabroso, a água mais fresca, a manhã mais clara, o entardecer mais suave.

Lá, arrumado ao cunhal de pedra da casa de seus avós, erguia-se o carvalho

curvado os seus antepassados a receber a água que purifica. E junto ao templo, quase sob a sua protecção, o cemitério, «a terra da verdade», onde jaziam, até ao Juízo Final, todos os seus próximos e distantes avoengos.

O homem está mais ligado à terra do que pensa.

Ajudá-lo a amar a terra, e a servi-la, é dignificá-lo.

Nesse amar, e nesse serviço, todo o homem poderá encontrar a razão mais funda e mais perfeita do seu patriotismo.

Crónicas irrequietas

- II -

Literatura Infantil

por ÁLVARO VALENTE

Abordo nesta minha segunda crónica um problema que há muito me anda na mente: a literatura infantil.

As tropelias da vida, porém, só hoje me permitiram fazê-lo, embora já saiba que apenas o posso tratar pela rama, dada a sua complexidade e latitude.

— Não me conformo com o que para aí aparece em livros e escritos destinados às crianças. Seja-me perdoada esta afirmativa audaz em razão das intenções.

Analisando um pouco à la diable a fancaria literária com que se atrofia e atafulha o intelecto da criança, o que vemos?

— Os animais voltaram a falar, como nos tempos da Maria Castanha. Ainda se compreendia este regresso nas fábulas de La Fontaine, quase todas firmadas num fundo moral e educativo. Hoje, porém, que se torna premente a preparação dos homens de amanhã para as lutas que os esperam, nada justifica semelhante fantasia.

E não é só «falar». Cantam, fazem versos, dançam, representam, são filósofos de conceitos profundos, e até dão conselhos à humanidade, — pobres irracionais!

— Os assuntos giram sempre em volta de aventuras mirabolantes. Lá aparecem os piratas, os peles vermelhas, as tribos selvagens, as quadri-lhas, os espiões, os bandidos, os detectives, e tiros e mais tiros, pistolas e mais pistolas, e às vezes para variar o agra-

dável ambiente, metralhadoras que matraquejam!

— E a linguagem? Que vernaculidade! Assim, ainda a mocidade vem a falar e a escrever o bom português...

Ora vejam: — Wonderful!; Sitting Bull; Aryat; Sexton Blake; Cow Boy Verde; Red Joe; Sheriff; Kate Devan; Jeffers; Sporty; Hale... e o mais que até a última página ou última linha se admira.

— Quando não é todo este lindo preparo, lá aparecem os príncipes encantados, as fadas, as harpias, as varinhas de condão, — essa pleiade misteriosa de minhocadas imaginárias que põe o cérebro das crianças em ponto de rebuçado!

— E os títulos? Só os títulos são mais do que suficientes para aterrar e apavorar o pensamento infantil!

Ora oiçam: «O desfiladeiro da morte»; «Olho por olho, dente por dente»; «O rancho dos espectros»; «A caravana há-de passar»; «A gruta do Chefe Condor»; «A caverna dos diamantes»; «Os piratas negros», etc. etc..

— E as gravuras? Até eu me horrorizo!

Ora espreitem: Barbaquidos arrepiantes, rostos patibulares, mascarados, figuras exóticas do célebre Far-West, e sempre pistolas e mais pistolas, à cinta, apontadas, engatilhadas, a disparar, a matar...

(Continua na página 7)

GUILHERME DE ALMEIDA

na pura fase parnasiana e a sua evolução para o modernismo

por A. ROSADO

Nas letras brasileiras, ainda Olavo Bilac não tinha deixado de brilhar, fulgurantemente, na esteira que deixaram os seus lindíssimos sonetos e poemas, de inspiração fácil e harmoniosa, já Guilherme de Almeida surgia com o mesmo sentido do ritmo, fluência de sonoridades e sabendo escolher a melhor rima para atingir a perfeita harmonia nos seus versos.

Talvez por muito ler os melhores poetas parnasianos, tanto do Brasil como de Portugal e da França, Guilherme de Almeida parece-se com alguns desses artistas na expressão e sensibilidade. Os seus poemas, de então, rescendem ao melhor paganismo amoroso, em frases de notável fundo musical. Neles não falta o colorido da imagem brilhante, os gritos da rima que canta no ouvido, deixando, a vibrar, como canção dolente para os sentidos mal despertados, uma onda de beleza que os nossos olhos retém e os nossos ouvidos recordam para sempre.

Guilherme de Almeida foi dos poucos poetas que melhor soube empregar a maleabilidade da forma e da expressão. A sua técnica, principalmente no soneto, quase atingiu a perfeição da de Olavo Bilac, quer no desenrolar da ideia, quer na felicidade do fecho. Amando a natureza, e dentro dela a mulher, para ambas iam os seus pensamentos poéticos, exaltando-lhes as graças e a formosura, na mais exacta moldura:

*Nessa tua janela, solitário,
entre as grades douradas da gaiola,
teu amigo de exílio, teu canário
canta, e eu sei que esse canto te consola.*

*E lá na rua, o povo tumultuário,
ouvindo o canto que de aqui se evola,
crê que é o nosso romance extraordinário
que naquela canção se desenrola.*

(Continua na página 8)

Crónica da Capital

(Pelo Redactor ROLLIN DE MACEDO
Endereço postal: Apartado 96 - Lisboa)

Abertura

O Mundo de hoje precisa de homens que acreditem ser ele um bom mundo e se esforcem para torná-lo melhor; homens para quem a honestidade não seja uma política mas o seu modo de ser habitual, cujas consciências se apeguem à razão e à verdade com segurança. Homens que tenham a coragem das suas convicções e se atrevam a proclamá-las, ainda que o céu ameace cair e a Terra se abra em abismos; que prefiram a honra à riqueza, a verdade aos sofismas, a bondade à cobiça, a modéstia à vanglória, a humildade às grandezas. Homens que encontrem na vida a sua missão e se dediquem a ela; que não mintam, nem intriguem, que tenham um objectivo definido. Homens que se atrevam a pensar por si mesmos e que, mesmo rodeados de importunos, mexeriqueiros, fanáticos, patifes, perversos e imbecis, consigam conservar a sua fé em Deus e nos elevados destinos da raça humana.

A voz dos colegas

Estão chegando às minhas mãos, jornais de vários pontos da província e dos quais respigo o que julgo de interesse, fazendo uma revista de imprensa em miniatura.

«Odemirense», colega de Odemira, vai iniciar os trabalhos de constituição da sociedade cooperativa por acções, que será a proprietária e administrador daquelê jornal. Simpática iniciativa, que faço votos tenha realidade.

«A Voz de Palmela» vai promover um acto de solidariedade a favor dos desprotegidos: «O foliar da Páscoa».

Futebol

Nos dias de jogo, as multidões esgotam os campos de futebol depois de vencidas as mais sérias dificuldades de condução para lá chegarem, já sabendo que na volta as cousas serão ainda mais difíceis.

Gritam, aplaudem, pro-

(Continua na página 9)

MONTIJO DIA A DIA

Montijo agradecido vai no domingo cumprimentar o seu Presidente

Tudo se conjuga para que a manifestação ao Sr. José da Silva Leite, Presidente do Município, a realizar no próximo domingo 3 de Abril, pelas 10 horas da manhã, seja uma verdadeira homenagem ao homem que há 3 anos assumiu a chefia do nosso concelho.

A comissão organizadora, que voltou a reunir na segunda-feira, completou os pormenores relativos à maneira como o cortejo deve percorrer o trajecto da Avenida Dr. Oliveira Salazar até à porta da Câmara Municipal e a ordem porque as diversas representações se devem incorporar no Cortejo.

Assim, a Corporação dos Bombeiros Voluntários

abrirá a marcha, seguida da Sociedade Musical de Sarilhos Grandes.

Seguem-se o Orfanato «Dr. César Ventura», Asilo de S. José, Banda Democrática 2 de Janeiro, Colónia Balnear Infantil, Crianças das Escolas Primárias, colectividades e organismos com seus respectivos estandartes e a Banda da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro.

Todos aqueles que se quiserem incorporar no cortejo, podem fazê-lo, logo após esta colectividade.

A chegada à Câmara Municipal deve verificar-se às 10 horas, tomando lugar na Sala das Sessões os representantes de todas as colectividades, imprensa e orga-

nismos, com seus directores e estandartes, assim como vereadores e funcionalismo municipal.

Estão inicialmente indigitados para falar no acto, um representante da Comissão, e de cada uma das freguesias: Montijo, Canha e Sarilhos Grandes.

* * *

Para esclarecimento do público em geral e em particular das entidades que receberam circulares, convidando-as a comparecer nesta manifestação, se dá devidamente rectificadora a constituição da comissão organizadora da homenagem ao Sr. Presidente da C. M. M.:

Presidente da Comissão de Festas de S. Pedro, Pre-

sidente do Clube Desportivo de Montijo, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Presidente da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, Presidente da Banda Democrática 2 de Janeiro, Presidente da Com. Ad. dos Bombeiros Voluntários, Presidente do Orfanato Dr. César Ventura, Presidente da Junta de Freguesia do Montijo, Presidente do Asilo de S. José, Jornal «A Província» e o sr. M. Oliveira Santos.

* * *

Antes da manifestação, a hora ainda a determinar, será o Sr. Presidente cumprimentado no seu gabinete por todos os funcionários dos diversos serviços da Câmara Municipal.

Agenda profissional

Médicos

Dr. António Ferreira da Trindade

Rua Bulhão Pato, 42
Telef. 026 131 — MONTIJO

Dr. Alcides Raimundo da Cunha

MONTIJO
SARILHOS GRANDES

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Telef. 0260 38 — MONTIJO

Dr. Fausto Eugénio Lopes de Neiva

Das 10 às 13 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. João Azevedo Coutinho

Telef. 026 075 — MONTIJO

Dr. João Filipe Barata

Telef. 026 026 — MONTIJO

Dr. Gonçalves Guerra

CLINICA GERAL

Radioscopias — Diatermia — Onda Curta — Raios Infra-Vermelhos — Raios Ultra-Violetas — Massagens Vibratórias.

Consultório:

Rua Bulhão Pato, 58
Telef. 026 153 — MONTIJO

**Não acusamos...
Mas lamentamos...**

Pequenos nadas se verificam nos homens, que bem definem a sua educação e muito contribuem para o maior ou menor nível de educação dos povos.

São portanto esses mesmos homens que têm de dar a sua contribuição para elevar o nível social da terra onde vivem ou são naturais, a ponto de tornar a desnecessária intervenção das autoridades.

Vem este introito a propósito de, no Domingo em pleno dia, às 15 horas, e quando a afluência ao Parque Municipal era grande, aproveitando o dia primaveril, termos verificado que alguns homens, sem respeito pela educação que devem a si próprios e à moral pública, estavam utilizando como mictórios os terrenos junto à antiga Fábrica do Alcool e mesmo na esquina para a Avenida do Parque!...

Ora isto não pode continuar a acontecer, para bom nome da nossa terra. E é para esses homens, que lá estavam e para outros que possam fazer o mesmo, que nós apelamos.

Para estes e outros casos de decore, que iremos apontando à medida que os verificarmos, se cria esta secção, certos de que poderemos assim contribuir, para elevar um pouco o nível de educação do povo, e ajudar a corrigir males que por não serem anotados se arrastam indefinidamente sem solução.

○ Indiscreto

Concorra à Exposição do ATENEU

O Ateneu Popular de Montijo, promove este ano por ocasião das Festas Populares de S. Pedro, a sua IV Exposição de Trabalhos.

E bem evidente o alto interesse cultural duma tal iniciativa.

Produzir trabalhos para a Exposição do Ateneu será uma forma de despertar e desenvolver faculdades artísticas, e criar gosto pela própria profissão, de fornecer, enfim, a cada indivíduo, o ensejo de exprimir a sua personalidade por um trabalho realizado com elevação e beleza.

Contribuirá também para um melhor conhecimento do próprio indivíduo, pois lhe dará uma medida para concluir sobre «aquilo que ele será capaz de fazer».

Trabalhos originais, feitos pelos sócios e amigos do Ateneu, como também trabalhos, não originais, desde que possuam suficiente valor estético e profissional. Os trabalhos originais poderão ser oferecidos ou simplesmente emprestados, sendo neste caso devolvidos aos seus autores após o fecho da Exposição. Para os que tiverem dúvidas sobre o trabalho a realizar, lembremos a procura de motivos na própria profissão.

Igualmente são convidadas as casas comerciais e industriais de Montijo a apresentarem trabalhos ou mostruários de trabalhos da sua especialidade.

Conforme o volume duma tal representação, uma parte maior ou menor da Exposição, será consagrada ao «Comércio e Indústria Montijense» tomando assim a forma de uma homenagem às forças produtivas de Montijo.

Brinco

Perdeu-se, possivelmente desde a Rua Santos Oliveira, 26 à Trav. da Fábrica. Dão-se alviças a quem entregar na morada acima indicada.

Pintos

Do dia — importados — raça Rhode e Sussex. Recebe encomendas até ao dia 4 de Abril. Rapec — Praça 5 de Outubro, 8 — Montijo.

Problemas da nossa terra

A Escola Técnica

De há muito que foi levantado, e até agitado, o problema da criação em Montijo, duma Escola Comercial e Industrial.

Desnecessário se torna encarecer as vantagens que de tal adviriam para a nossa terra se bem tomarmos em conta o seu número de habitantes e o seu desenvolvimento comercial e industrial e por conseguinte a necessidade dum maior grau de cultura e conhecimentos para o aperfeiçoamento dessas actividades e até mesmo, porque não dizê-lo, para um melhor aperfeiçoamento duma cultura geral da sua futura grei.

Existem é certo em Setúbal, Barreiro e Lisboa, estabelecimentos de ensino técnico, mas é certo também que a eles não podem acorrer as crianças, sem um mínimo de encargos, incomportáveis para alguns pais e impossível para outros.

E quantas inteligências, quantas utilidades futuras,

não se perderão por falta de meios de educação?

E pois necessário encarar esse problema de frente e para tal, apelamos para a nossa edilidade, como principal impulsionadora, que além de possuir à sua frente, um montijense que o sabe ser, se encontra recheada de outros elementos cheios de boa vontade, que podem dar o seu valioso contributo para a realização da obra que a todos interessa.

Sabemos algo haver, nas esferas oficiais, sobre o assunto, no entanto não estamos presentemente habili-

tados ao seu desenvolvimento, o que esperamos fazer dentro em pouco.

Por ora só nos interessa falar e agitar um assunto que dada a sua falta de publicidade, poderia ficar no olvido. Logo que poderemos, após a recolha de elementos, viremos a público com o que nesse sentido conseguirmos apurar.

E entretanto ficaremos como sentinela alerta para esse empreendimento que tanto viria beneficiar a juventude montijense.

Repórter W

ECOS DAS FESTAS

As sessões de fogo de artifício tem constituído sem dúvida números de grande beleza nas Festas anteriormente realizadas, pelo bom gosto dos trabalhos apresentados, e até pela duração dessas sessões, tanto do agrado geral.

Os pirotécnicos de Lanheiras, A. J. Fernandes & Filhos, dos melhores do país, tem sido os artistas criteriosos a quem tem estado confiados esses trabalhos.

Na passada semana esteve entre nós o sr. Narciso Fernandes, daquela firma, que aqui veio contratar o fogo das próximas Festas.

Foi feito o contrato, que inclui magníficas sessões, mais brilhantes ainda que as do passado ano.

A Comissão das Festas vai intensificar a campanha

dos «Mealheiros», no sentido de que esta modalidade de angariação de fundos não fique aquém da do passado ano.

Para tal elaborou uma propaganda em cartazes, que deverá aparecer dentro de breves dias.

Eis pois chegado o momento dos Montijenses demonstrarem toda a sua dedicação pelas nossas Festas.

Português e Francês

Explicações a alunos do Ensino Liceal e Comercial por ex-professor de Ensino Técnico e provisório dos Liceus, devidamente diplomado.

Lições individuais a adultos que pretendam adquirir cultura geral nestas disciplinas. Vai a casa dos alunos que poderão reunir-se em grupos de três. (Em grupos as mensalidades são beneficiadas do desconto de 20%.)

Dirigir-se ao professor Sousa Gago, rua Gago Coutinho, 106-B — Montijo.

NOTÍCIAS DA SEMANA

Agenda

Doentes

— Deu entrada no Hospital dos Capuchos onde vai ser submetido a melindrosa operação o sr. João dos Santos Tormenta, esperançoso estudante de medicina, filho do nosso assinante sr. João Gonçalves Tormenta Jor.

«A Província» faz votos para que a intervenção cirúrgica corra satisfatoriamente e que o enfermo regresso rapidamente ao convívio dos seus amigos e família.

— Depois de se encontrar retida no leito durante alguns dias, encontra-se restabelecida a sr.^a D. Rosária Pires, esposa do nosso amigo e assinante sr. José Victor.

— Já se encontra em sua casa, o industrial montijense sr. Gabriel da Fonseca Mimoso, velho amigo e assinante do nosso jornal, que em Lisboa na Casa de Saúde de S. Luís, foi submetido a delicada operação.

«A Província» deseja-lhe rápidas melhoras e pronto restabelecimento.

Bailes

— Esteve animadíssimo o baile comemorativo do 3.^o aniversário de «O Palmeiras» Clube Montijense de Desportos que no passado sábado, se realizou no Salão de Festas do Café Portugal.

Como de costume a excelente Orquestra Ribatejana apresentou escolhido programa que foi valorizado pela actuação do cantor montijense Vaz de Carvalho.

«A Província» agradece o convite enviado.

— No Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro realizou-se no domingo 27 um grandioso Baile da Pinhata, que teve extraordinária animação.

A Orquestra Ribatejana, com Humberto de Sousa ao piano foi como de costume magnífica nas suas interpretações.

— O Clube Desportivo de Montijo promove no Domingo 3 no seu Salão de Festas, o tradicional Baile da Pinhata, abrilhantado pelo categorizado conjunto musical Unidos do Jazz.

— No próximo domingo, 3 de Abril, realiza-se na Sociedade Recreativa e Progresso Afonsoeirense o tradicional Baile da Pinhata.

Visitas

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso activo correspondente em Setúbal sr. Fernando Vidigal.

Partidas e chegadas

— Regressou do Porto, onde tinha ido em viagem de negócios, o nosso amigo e dedicado assinante sr. António Camalhão.

— No goso de merecidas férias, parte para Penamacor no próximo sábado, o nosso dedicado colaborador sr. professor José Manuel Landeiro.

Francisco d'Oliveira Gouveia

Agradecimento

Sua mulher, filhos e mais família, na impossibilidade de o fazer directamente, vêm por este meio, muito reconhecidos, agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, seu chorado marido, pai e parente.

FARMÁCIA
DIOGO MARQUES
Director Técnico:
José Augusto Simões da Cunha
Telefone 0260 32
Montijo

A posse dos novos Corpos Gerentes do ORFANATO

Realizou-se na passada 6.^a feira 25, pelas 20 horas, na sede do Orfanato, a posse dos seus novos Corpos Gerentes, para o exercício de 1955.

O acto que foi bastante concorrido, teve a valorizá-lo a presença do presidente da Câmara Municipal sr. José da Silva Leite e do sr. Comandante Santos Fernandes.

«A Província» fez-se representar pelo seu Director.

Depois de lido o Auto de Posse pelo sr. Joaquim Lúcio, foi o mesmo assinado por todos os novos elementos que compõem a Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, com excepção do sr. António Camalhão e Joel Gid Navarro, que se encontravam ausentes de Montijo, tendo previamente justificado a sua falta.

Findo este acto, o sr. Comandante Santos Fernandes pediu a palavra para propor que o sr. Padre Gomes Pólvora seja nomeado Presidente Honorário da Direcção, em sinal de reconhecimento e preito de homenagem pela acção desenvolvida por este ilustre Sacerdote enquanto orientou esta Instituição.

A proposta foi unanimemente aprovada.

Foram lidas a seguir duas cartas, uma da Santa Casa da Misericórdia de Montijo em que oferece aos internados do Orfanato, a vacinação pelo B. C. G. feita no seu Hospital, outra do sr. Dr. Avelino da

Rocha Barbosa, que lamentando não poder estar presente, saúda a nova Direcção, desejando-lhe felicidades no exercício das suas funções.

Pediu depois a palavra o sr. Francisco Pedro Farrêu, novo Presidente da Direcção, que com certa emoção prometeu envidar todos os seus melhores esforços no sentido de elevar o Orfanato à posição a que tem jús.

O sr. Reverendo Padre Manuel Gonçalves, proferiu a seguir um brilhante improviso, em que focou o problema da assistência à criança tendo explanado interessantes conceitos e judiciosas observações.

Finalmente o sr. José da Silva Leite, muito ilustre Presidente do Município, levantou-se, para em poucas pala-

avras fazer sentir que a Câmara da sua Presidência continuaria a interessar-se pelo Orfanato e aproveitou a ocasião para em seu nome pessoal entregar um envelope com um donativo, e em nome da Câmara a Ordem de Pagamento na importância de doze mil escudos, referente ao subsidio atribuído este ano.

O sr. Dr. César Ventura, recebeu trémulo e comovido os envelopes tendo verificado que a oferta do sr. José da Silva Leite era de mil e quinhentos escudos.

Mais este acto de benemerência, por parte do sr. Presidente da Câmara não surpreendeu os presentes, pois todos sabem quanto carinho e verdadeiro interesse lhe merecem as obras de assistência da nossa terra.

O sr. Dr. César Fernandes Ventura — grande alma — a quem o Orfanato tudo deve, obra sua a que dedica um acrisolado amor — a luz que ilumina a sua existência, neste dobrar de anos — quiz encerrar esta tão significativa sessão. Com voz emocionada agradeceu profundamente comovido a generosa oferta do sr. Presidente da Câmara, e a comparação dos presentes, salientando o facto de na nova direcção estarem incluídos os nomes de dois antigos internados.

A sessão terminou num ambiente de grata satisfação e confiança nos destinos de esta

importante obra assistencial, que tão útil é a Montijo.

Antes de nos retirarmos quisemos trocar impressões com o novo Presidente da Direcção sr. Francisco Pedro Farrêu.

Sempre interessado pelos assuntos públicos, antigo vereador do nosso município, dinâmico e empreendedor homem de negócios, muito há a esperar da acção do novo Director do Orfanato.

Porque o conhecemos bem, não nos admiramos que mesmo antes de esboçarmos qualquer pergunta, o sr. Farrêu nos expusesse logo um plano de trabalho imediato.

— Dinheiro! O Orfanato precisa de dinheiro, para poder executar cabalmente a acção assistencial para que foi criado.

Vamos trabalhar nesse sentido. Pedir, arranjar novos sócios, lançar uma campanha geral, ir de porta em porta se tanto for preciso. Não queremos que todos dêem muito, mas necessitamos que todos dêem alguma coisa.

— Mas é isso o suficiente para manter a obra? — inquirimos, agradavelmente surpreendidos pelo entusiasmo que irradiavam as suas palavras.

— Não. Tenho outras possibilidades estudadas. — atalhou rapidamente — Existem uma série de grandes empresas com agências e representações em Montijo, que se forem abordadas por certo não nos recusarão auxílio.

E além disso, todos temos os nossos amigos pessoais que nestas alturas... — e fazendo uma curta pausa, o novo Presidente, olhou-nos sorridente e perguntou: — Posso contar consigo como sócio do Orfanato não é verdade?

— Perfeitamente exemplificado, amigo Farrêu. Pode contar comigo como sócio e com «A PROVINCIA» para a propaganda da sua obra.

E despedimo-nos até breve, pois estamos convencidos que o Orfanato este ano, vai dar que falar.

Farmácias de Serviço

De 31 de Março a 6 de Abril

- 5.^a-feira, 31 — *Geraldes*
- 6.^a-feira, 1 — *Montepio*
- Sábado, 2 — *Moderna*
- Domingo, 3 — *Diogo*
- 2.^a-feira, 4 — *Geraldes*
- 3.^a-feira, 5 — *Montepio*
- 4.^a-feira, 6 — *Moderna*

CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

MONTIJO

DOMINGO, 3 de Abril de 1955 - Às 21,30 (para 13 anos) — Uma gigantesca Super-produção colorida, vivida na Rússia do século XIX -- Um mundo de Aventuras num Drama grandioso e espectacular! — Um filme Monumental, Sumptuoso e Extraordinário, com

I V A N

O Filho do diabo BRANCO



Paul Campbell
Naola Gray
Alda Mangini
Milhares DE Figurantes.

Espectáculos

Cartaz da Semana

CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

Sábado, 2: «Do sangue nasceu uma cruz» com «Bomba o filho da selva» (Sem classificação especial).

Domingo, 3: «Ivan o filho do diabo branco» (Sem classificação especial).

2.^a-feira, 4: «A cidade perdida», 12 episódios, 25 partes (Sem classificação especial).

4.^a-feira, 6: «A deusa ajoelhada» com «Espíões» (Para adultos).

CINE POPULAR

5.^a-feira, 31: «A sereia de Bagdad» com «A amazonas do Texas» (Sem classificação especial).

Sábado, 2: «Sem consciência» com «O bebé e a solteirinha» (Para adultos).

Domingo, 3: Em matinée para crianças. Bucha e Estica em «Viva o descanso». A noite (para adultos) «O grande espectáculo» com «Profissão perigosa».

2.^a-feira, 4: «Um marido para Ana» com «Escândalo de amor».

João Luís de Oliveira

Encarrega-se de todos os trabalhos de pedreiro e limpeza de prédios.

Trata na Rua Joaquim d'Almeida, n.º 59 — MONTIJO

ENCICLOPÉDIA

A mulher trabalha mais que o homem

por MARY DAUGHERTY

As mulheres trabalham mais que os homens... Porém, actualmente este princípio deve ser entendido especialmente em referência à mulher europeia, porque a americana, com sua máquina de lavar, cozinha eléctrica e aspirador de pó, é, sem o saber, a mais feliz das donas de casa, de todo o mundo.

No entanto, salvo nos países mais primitivos, a mulher pode considerar-se em melhor situação que suas avós da antiga Roma.

Ali, até as mais nobres matronas levantavam com a primeira luz do dia para despertar suas escravas e filhos, afim de lhes dar as pilhas de lã que tinham de fiar todo o dia, sem contar com suas obrigações diárias.

Na Idade Média, a castelã de uma grande casa, embora submetida ao seu senhor nos demais assuntos, fora dos muros do castelo, tinha em seus domínios uma grande tarefa a cumprir diariamente. Devia ensinar as suas filhas e donzelas (como a si mesmo lhe haviam ensinado na infância) a cozinhar, defumar a carne, salgar o pescado, e atender aos detalhes sem fim de um enorme castelo.

E naqueles dias, a dona de casa era ao mesmo tempo médica e enfermeira, de acordo com as antigas receitas, que eram transmitidas de geração em geração.

Actualmente, as coisas mudaram muito... porém no que se refere à mulher, continuamos a verificar que na generalidade dos países, continuam a trabalhar mais do que o marido.

Vejamos alguns exemplos:

A mulher francesa economiza na cozinha, mas não no tempo dedicado a essas tarefas, permanecendo às vezes 6 a 7 horas preparando as refeições.

Socialmente, a francesa tem sua importância, quando o marido convida amigos para jantar, ela participa na conversação, e a sua opinião é ouvida.

Visita as pessoas cuja amizade, convém ao seu marido, sabe entreter uma conversação, e a sua vida social é a mesma que a dos homens.

Diverte-as ver suas irmãs norte-americanas tomar parte em reuniões exclusivamente femininas.

As francesas são muito limpas mas não podem competir com as holandesas, que passam a maior parte dos seus dias lavando o chão e as fachadas de suas casas.

As suíças são mais habéis para a limpeza que para a cozinha, e quanto às irlandesas, não gosam de boa reputação, em nenhuma das duas funções...

As norueguesas (as primeiras mulheres do mundo que obtiveram o direito de votos) não aproveitaram a sua emancipação política para abandonar as tarefas caseiras, que no campo inclui também o cultivo das terras.

Do mesmo modo na Europa Central as donas de casa ocupam-se com as tarefas agrícolas, e quando a jornada do trabalho no campo termina, voltam aos seus lares para preparar a ceia.

Na Rússia Comunista, onde também o governo mete o nariz nas cozinhas, as artes da dona de casa estão desaparecendo.

A maioria dos russos faz as suas refeições nos refeitórios colectivos, ou as compras em cozinhas comuns articuladas com as casas de apartamentos. Ali obtém uma alimentação que a juízo do Estado, é a mais conveniente para manter a saúde. (!)

Na Índia, as massas desnutridas não exigem grande tarefa de suas cozinheiras... porque não é necessário permanecer todo o dia diante do fogo, quando só há um punhado de arroz.

Mas nas casas ricas, a avó e a sogra têm um regimento de serventes que dirige com a energia e a linguagem de um sargento veterano de várias campanhas...

Nos trópicos da África, as frutas maravilhosas simplificam o trabalho das belezas negras, que só têm que as apanhar nas árvores.

Os teus versos

Ao poeta brasileiro Dr. José Escobar Faria

*Li — e não li — os versos que mandaste
Onde há recheio e ouro e alma ardente.
Vi — e não vi — nos quadros que pintaste
Fé, incerteza, amor e dor latente.*

*Sei — e não sei — que os sonhos que sonhaste
Te trazem — e não trazem — descontente.
Vejo — e não vejo — os céus em que pousaste.
Depois de luta incerta, indiferente.*

*Quis perseguir teus voos às alturas
Donde louros e fama te asseguras
Para entender melhor o teu conflito*

*Mas — ai de mim!... — as asas me faltaram
E as tuas, triunfais, lá te levaram
Num desejo incontido de Infinito.*

Orlando de Sousa Branca

Será o eixo terrestre que desta vez nos ameaça?

No último milhão de anos, a Terra inclinou-se 150 vezes, Cada vez que se inclina, as camadas de gelo que cobrem os polos nas extremidades do eixo, produzem uma inundação total da terra. Os intervalos entre estas inundações são de uns seis mil anos. A nossa época, iniciada após o dilúvio, já tem 7.800 anos. Daí o facto de se pensar que há algum tempo já, deveríamos ter sofrido nova inundação.

A camada de gelo do pólo antártico está aumentando na proporção de cinco trilhões e meio de toneladas de neve, por ano. Logo devido ao grande peso deste gelo e pelo facto do seu centro de gravidade não coincidir com o eixo de rotação da terra, o balanço do globo terráqueo, que, actualmente, é muito leve, aumentará consideravelmente. Então, o movimento excêntrico ir-se-á acelerando até que produza uma mudança na rotação da terra.

Quando isso ocorrer, as águas do mar subirão 57,244 m. em seis horas e as regiões baixas dos continentes sofrerão uma inundação total. O cataclismo durará 24 horas.

* * *

Isto é a profecia de um engenheiro de 76 anos chamado Hugh Brown, residente nas proximidades de Nova Iorque. Brown é um engenheiro electricista que hoje em dia ganha a vida comprando e vendendo maquinaria em segunda mão. Mas é um grande apaixonado da

geofísica, a que dedica todo o tempo de que pode dispor.

Brown começou, há quarenta anos, a recolher informes sobre a possibilidade de que a Terra modificasse o seu eixo de rotação.

Escreveu cartas a cada um dos membros do gabinete de Eisenhower e ao próprio presidente, sugerindo que se faça um estudo detalhado do problema. Indica a Marinha de Guerra dos Estados Unidos como a mais capaz de fazê-lo, levando a cabo um trabalho de demolição do gelo nas costas antárticas.

«Parece que sou o primeiro a dizer que a camada de gelo polar está aumentando», diz Brown, «mas ninguém quer admitir isso como uma coisa certa. Escrevi ao Almirante Byrd explicando-lhe os estudos que venho fazendo e ele respondeu-me, «Continue trabalhando». Alguns dizem que vim ao mundo 20 anos antes do tempo. Se for aceite a minha teoria, será preciso escrever de novo todos os livros sobre o assunto».

Eis aqui a história do globo, segundo Brown:

A última vez que a Terra modificou o eixo de rotação foi há 7.800 anos. A inundação descrita pela Bíblia e da qual Noé e a sua arca foram os únicos sobreviventes, refere-se justamente àquela época. Antes do dilúvio, a região onde hoje se encontra o Lago de Chad, no vale do Sudão, na África, era precisamente o lugar

(Continua na página 9)

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

MARÇO

Dia 31 — 1549 — Tomé de Sousa funda a cidade da Baía.

ABRIL

Antes de iniciarmos o calendário, digamos, ainda que pouco, algo do dia 1 de Abril o *dia das mentiras* ou «poissou d'avril», como lhe chamam os franceses. Um édito de Carlos IX, da França, transferiu desta data para o dia 1 de Janeiro o início do ano. Todos os que esperavam os tradicionais cumprimentos de boas festas, presentes ou gorjetas viram adiado por mais dez meses o momento feliz, das gentilezas e proventos.

Este facto causou grande desapontamento e deu lugar a troças e sátiras. Enviavam-se cartas cómicas, anunciavam-se remessas de ofertas pinques, chasqueando-se os prestes nas cortesias e os mais gananciosos.

O espírito francês deu largas à sua expansão e tornou-se moda mandar às pessoas conhecidas ou amigas uns pequenos peixes (signo de Abril) de papel. Acompanhavam-nos as mais disparatadas cartas e as mentirosas dádivas que eles anunciavam, eram por muitos tomadas a sério, rejubilando e agradecendo como se realmente fossem receber o que lhes prometiam como boas festas: as «entre-nes», os bons brindes ou, *broas*, como nós lhe chamamos, quando se decretara o começo do ano em Janeiro. Assim nasceu o *dia das mentiras*.

Dia 2 — 1521 — Morreu Fernão de Magalhães, o português que ao serviço de Castela iniciou a primeira viagem de circunavegação.

Dia 3 — 1455 — Nasceu D. João II, a quem depois do Infante D. Henrique, os descobrimentos muito ficaram devendo.

Dia 4 — 1819 — Nasceu no Rio de Janeiro a Princesa de Grã Pará, D. Maria II última soberana que visitou Aldeia Galega acompanhada de seu marido D. Fernando e de seus filhos D. Pedro e D. Luís, futuros Reis de Portugal.

Dia 5 — 1901 — Foi inaugurado o dispensário Anti-tuberculoso de Lisboa, fundado pela Rainha D. Amélia.

Dia 6 — 1383 — Travou-se a batalha dos Atoleiros entre castelhanos e portugueses, em que D. Nuno Alvares Pereira se cobriu de glória.

Dia 6 — 1385 — Aclamação em Coimbra do Mestre de Aviz, D. João I, filho natural de D. Pedro I e de D. Teresa Lourenço. Com a sua aclamação inicia-se uma nova dinastia e uma nova época na História Pátria — a expansão de Portugal por todo o mundo.

J. Freire Caria

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

tendo anexa a

*Clinica de Acidentes
de Trabalho das Com-
panhias de Seguros*

Uma perfeita organização
da especialidade

Av. D. Nuno Alvares Pereira, 6
Telefone 026 006 — MONTIJO

José Cipriano Sancho

**SERRALHARIA
MECANICA
E CIVIL**

Trabalhos de soldadura
a electrogéneo e oxi-acetilénico
com a máxima perfeição

Rua Manuel Gomes Nepomuceno, 9-B
MONTIJO

Fado «Montijo»

— a sua história e os seus versos

Fomos um dia destes agradavelmente surpreendidos, quando ouvimos o programa radiofónico ISTO É MONTIJO, com a transmissão do Fado «Montijo».

Dado o êxito que a música e os versos alcançaram rapidamente, quisemos ouvir os seus autores afim de elucidar o público sobre a maneira como nasceu a idéia.

Humberto de Sousa é um nome sobejamente conhecido dentro de Montijo, para que sejam precisas apresentações.

Foi pois com este inconfundível pianista, grande músico de jazz em qualquer parte, mas tão modesto quanto valoroso e inspirado compositor, que resolvemos falar.

Fomos encontrá-lo no *Café Portugal*, ultimando o ensaio para a festa do programa radiofónico ISTO É MONTIJO, que no sábado 2 se realiza no Salão da Banda Democrática 2 de Janeiro.

— Humberto de Sousa, importa-se de dizer aos leitores de «A Província» como nasceu a idéia do Fado «Montijo»? — Perguntamos-lhe logo que o vimos livre.

— Meu caro amigo, «A Província» manda. Não posso recusar aos seus leitores o esclarecimento que me pede — disse-nos Humberto sorridente e continuou:

— Embora já há algum tempo andasse no ar a idéia de se dedicar um Fado ao Montijo, a exemplo de outras terras do Ribatejo, foi por sugestão do sr. Amadeu Augusto dos Santos, velho entusiasta da Festa Brava, que à causa tem dedicado a melhor da sua boa vontade, que esta idéia se transformou em realidade.

Neste sentido se me dirigiu expondo o caso e pedindo-me para eu fazer a música. Acedi, mas condicionei a minha colaboração ao facto de os versos serem feitos pelo José Joaquim Caria.

Nesta altura interrompemos, para fazer notar que «A Província» tem uma pequena cota parte no êxito desta nova produção, pois que J. J. Caria é um dos nossos mais queridos e populares colaboradores.

Filho de Montijo, espírito alegre e folgazão por natureza, revelou-se cedo, um valor positivo, não só como poeta e escritor, mas até, e essa faceta da sua personalidade interessa registar, como animador e locutor radiofónico de grande merecimento, que durante alguns anos fez a delícia do povo de Montijo e outras localidades do país, onde os Grupos Cénicos de então fizeram exhibições.

Foi exactamente baseado nesse princípio de colaboração que durante anos se vem mantendo e proporcionando êxitos a esta parceria, que Humberto de Sousa condicionou a aceitação de fazer a música para versos de José Joaquim Caria.

Câmara Municipal de Montijo

EDITAL

JOSÉ DA SILVA LEITE, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO:

Faz público que as licenças de estabelecimento comercial ou industrial estão a pagamento no próximo mês de Abril ou ainda em Maio e Junho, acrescidas de juros de mora.

Findos estes serão levantados autos de transgressão. E' obrigatória a apresentação da Contribuição Industrial.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Montijo, 23 de Março de 1955.

O Presidente da Câmara,
(a) José da Silva Leite

— Mais uma pergunta sr. Humberto de Sousa. Ouvimos dizer que se pensa lançar o Fado em disco comercial. Tem algum fundamento este boato?

— Sim, de facto está projectado convidar um artista radiofónico de categoria, para fazer uma gravação em disco comercial.

— Quer dizer, vamos ter o nosso Fado transmitido com frequência por todas as Emissoras portuguesas?

— Assim esperamos.

O nosso interlocutor, estava já a ser assediado por várias pessoas que solicitavam a sua comparsa junto à orquestra. Achemos oportuna a retirada. Antes porém pedimos a cedência dos versos do Fado para serem publicados satisfazendo muitos pedidos que nos têm sido dirigidos.

Gratos pela forma gentil como fomos recebidos, descemos as escadas do Salão de Festas do Café Portugal, ao som dos acordes iniciais da inspirada composição.

Cá fora, na Praça começámos a ouvir:

*Duma aldeia portuguesa
De gente alegre, sem mágoa,*

Não podemos resistir à tentação. Ficámos. E só quando a última nota se extinguiu na quietude da noite, nos resolvemos a ir para casa.

A. P.

FADO «MONTIJO»

*Duma aldeia portuguesa
De gente alegre, sem mágoa,
Nasceu a vila princesa
Das vilas da borda d'água
Cresceu e fez-se mulher
Essa aldeia ribeirinha
Princesa deixou de ser
Mas passou a ser rainha!*

Refrain

*Aldeia Galega d'outrora
Das esperas e das touradas,
Dos fados e guitarradas,
Es o Montijo d'agora!...
Vila princesa
O trabalho é o seu braço,
E a gente é bem portuguesa
Como manda a tradição!*

II

*Foi berço de bons forcados
De campinos e toureiros,
Teve também açamados
E briosos cavaleiros
Que em muitas tardes de
glória
Com o sol brilhando na
praça,
Davam mais uma vitória
A gente da sua raça!*

Refrain

*Aldeia Galega d'outrora
Etc, etc . . .*

III

*Montijo vila sem par
De progresso e de labor,
O seu lema é «trabalhar»
Para ser sempre maior.
Terra alegre e sempre rica
De feiras e arraiais,
E que a S. Pedro dedica
As Festas tradicionais.*

Refrain

*Aldeia Galega d'outrora
Etc, etc . . .*

ANTIGA LOJA do
SILVA ALFAIATE de
J. C. FIGUEIREDO DINIZ
= **Fanqueiro Retrozeiro** =
Camisaria
Grande sortido de fatos feitos para Homem e Criança
Sempre **NOVIDADES**
R. Joaquim de Almeida, 1-3
Rua Machado Santos, 2-2
Telef. 026 222
MONTIJO

Cinemascope em Montijo

Constando-nos que a Empresa cinematográfica que está explorando a Esplanada anexa à Sede da S. F. 1.º Dezembro, pretendia introduzir no vasto recinto de espectáculos o Cinemascope. Procurámos averiguar o que de verdadeiro havia no facto, pelo que nos dirigimos ao gerente-técnico Sr. Francisco de Almeida e Moura.

Chegámos num momento de grande azáfama, pois vários operários se empregavam nas obras do levantamento do écran especial para cinemascope e cinema panorâmico.

Abordado o Sr. Almeida e Moura, disse-mos-lhe ao que íamos e pedimos-lhe o favor das suas declarações acerca deste importante melhoramento, no campo dos espectáculos em Montijo e que muito beneficiará o público da nossa terra.

Amável o Sr. Almeida, pôs-se à nossa disposição e começou por nos dar pormenores técnicos da obra que se estava a executar.

— O «écran», em forma côncava com os modernos requisitos exigem 10 metros de comprimento por 5 metros de altura. E exactamente igual, em dimensões, ao do cinema Politea-

O programa Isto é Montijo

Apresenta sábado, 2 de Abril às 21,30 h. no Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro, gentilmente cedido para esse efeito, um serão de variedades em que tomam parte os seguintes amadores Montijenses:

Maria de Lourdes Sampaio, Maria de Lourdes d'Almeida, Maria Albertina, Eulália Capelo, Maria Aurélia, António Bento, António Fanico, Francisco Esperança, José António Frago, José Emidio Cruzeiro, o emissor Júlio Santos Pratas, e ainda o cantor Vaz de Carvalho.

A locução está entregue a Maria Helena Sampaio, Luís Onofre e Victor Jardim.

A Orquestra Ribatejana com Humberto de Sousa ao piano, abrihantará o espectáculo que promete ser de muito interesse.

António Chitas, em acordeon, José Maria da Silva e Sidónio Firmino respectivamente em guitarra e viola colaboram também neste espectáculo.

São distribuídos os prémios do Concurso do Programa «Isto é Montijo» e realizar-se-ão 2 interessantes concursos que habilitarão, igualmente, a valiosos prémios.

Este espectáculo será gravado para ser radiodifundido por Rádio Clube Português, Rádio Peninsular e Rádio Restauração.

Os bilhetes encontram-se à venda no estabelecimento de Francisco Neto dos Santos e no Café Portugal.

ma, pois todos os outros são de menores dimensões, salvo os dos cinemas Restelo e Tivoli.

Diga-me Sr. Almeida, quando tenciona efectuar a inauguração deste notável benefício para Montijo?

Caso não surjam contrariedades, penso que em meados de Abril próximo poderemos começar a trabalhar com Cinemascope.

— Já tem escolhido o programa de estreia?

— Sim, tudo está planeado para a campanha do Cinemascope. A película que gostaria de estrear «A Túnica» só em Maio poderei exhibi-la em Montijo, pois até lá, não está disponível.

Por isso debutaremos com a super-produção histórica «O Príncipe Valente». Dá-se o curioso caso de nos acontecer o mesmo que sucedeu ao cinema Restelo, de Lisboa que se viu impossibilitado de inaugurar com «A Túnica» e recorreu ao mesmo filme que nós vamos exhibir em primeiro lugar.

— É vossa intenção fazer a programação sempre com filmes em Cinemascope?

— Não, dada a impossibilidade de se conseguir programas em número suficiente embora, por exigência dos distribuidores nós tenhamos que alterar os dias dos espectáculos, pois somos forçados a manter o filme em exibição, enquanto o mesmo produzir receita equiparada a dois terços da lotação.

E acrescentou também o sr. Almeida. Ainda, também, por força do contrato, os preços sofrem alteração.

— Importa-se de esclarecer o público desses aumentos de preço?

— De bom grado o informo:

— De uma maneira geral, o aumento passa a cerca de 30%, todavia as produções extra, a saber, «A Túnica», «Demétrio, o Gladiador» e «O Egípcio» (esta ainda por estrear) obrigam a um aumento de preços de cerca de 50%.

— Mas diga-me, estas condições são especiais para a vossa empresa?

— Não, são condições gerais, tanto para os cinemas de Lisboa, como para os da província.

— E os empresários que

TAUROMAQUIA

Realizou-se na Praça de Touros do Campo Pequeno, no passado dia 27 um festival taurino organizado pelos estudantes do Instituto Superior de Agronomia, cujo cartaz foi preenchido com estudantes amadores tauromáquicos, do mesmo Instituto.

A cavalo, tourearam José Samuel Lupi, Luís Gama e José Barahona Núncio, como *espadas*, piões de brega e forcados outros estudantes desconhecidos como amadores tauromáquicos.

Os novilhos bem apresentados, das ganaderias Samuel Santos Jorge, António Teixeira e João B. Núncio proporcionaram grandes ovações aos cavaleiros que bem montados deram-nos detalhes de verdadeiros artistas, em especial quando da actuação do amador José B. Núncio, ao lidar a cavalo um novilho-touro como «gente grande» pôe pé em terra e instrumentou uma faena de muleta desenhando bons passes em redondo, molinetes, passes de peito, etc., parando e mandando.

Teve como prémio chamada, voltas e também chamada especial a seu Pai, o grande cavaleiro de Alcácer, como prémio pelo belo novilho que tinha o seu ferro.

Os «espadas» desenharam alguns passes que tinham pensado e os que nunca pensaram, o mesmo sucedendo aos forcados, pegaram quando queriam e também quando não esperavam.

Dirigiu acertadamente Manuel Casimiro. No fim do Festival o público saíu satisfeito.

Um Aficionado

não se queiram sujeitar às condições dos distribuidores?

— Estão impossibilitados de trabalhar com Cinemascope, pois as exigências não são dos distribuidores como referiu, mas sim, das firmas produtoras.

E não pudemos prender por mais tempo a atenção do dinâmico empresário que teve de nos deixar para dar seguimento aos inúmeros problemas que haviam para resolver.

Folgamos por este notável melhoramento para os cinéfilos montijenses e desejamos que o sr. Almeida e Moura e a Sociedade Filarmonica 1.º Dezembro sejam bem sucedidos no seu feliz empreendimento.

Aos Leitores

Por absoluta falta de espaço tivemos que retirar esta semana as secções *Columbofilia*, *Galeria dos Azes* e *Ténis de Mesa*.

As nossas desculpas.

SALINEIRA MONTIJENSE

DE

JAIMÉ PEREIRA CRATO ARAÚJO

Sal para Consumo público, aos melhores preços do mercado

A Salineira Montijense,

Sempre pronta a bem servir, aguarda as ordens dos seus estimados clientes e amigos.

R. António Semedo, 12 (junto ao novo mercado)

MONTIJO

DESPORTOS

Perder sim... mas com honra!

Este interregno forçado à marcha do Campeonato Nacional da 11 Divisão deve ter servido para calmante à excitação que fervilhava no espírito dos desportistas montijenses.

Os ânimos serenaram, os nervos entraram em acalmia e todos, dirigentes, atletas e público, concretizaram ideias sobre as possibilidades da equipa do C. D. M.

Como dissemos na última semana, não devemos acalentar esperanças de grandes aspirações.

Todavia, isto não quer dizer que abandonemos a causa, lançando-a no esquecimento e deitando a perder tudo o que até agora fizemos para a engrandecer.

Não! — Seria mau caminho se trilhássemos esse princípio de apoiarmos as obras quando em glória, desprezando-as amanhã se a adversidade as condenar.

As leis da Vida ensinam-nos que não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.

Ontem tivemos grandes alegrias e conseguimos chegar onde chegaram os melhores. Hoje, sentimo-nos tristes por não podermos alcançar o píncaro que

humanamente desejávamos. Mas amanhã, poderemos, novamente, rejubilar se não imolarmos a nossa confiança e boa vontade em prol do comodismo e egoísmo que nos acode a cada instante, acicatados pela indiferença.

Por isso, confiança no futuro e mais que nunca cerremos fileiras em torno do pendão do C. D. M., em torno do clube da nossa terra.

Domingo podemos perder o encontro no Estoril como, também, podemos operar a reabilitação da equipa.

Tudo é possível no futebol, como soi dizer-se.

Qualquer que venha a ser o resultado para nós, formulamos votos que ele seja dignificante e honroso, mesmo que negativo.

Que seja de molde a não podermos apontar faltas ou mover críticas.

Os atletas, hoje mais que nunca cabem-lhes grandes responsabilidades, não só para seu prestígio pessoal, como ainda, para bom nome da nossa terra.

Perder é natural, mas que se perca briosamente!

M. L.

Movimento Pró-Bancada

A campanha continua, embora com menos vigor do que seria necessário para se conseguir levar a bom termo a obra completa.

Montijenses, a todos vós interessa a conclusão da Bancada do C. D. M. pois da sua construção resulta um benefício que amanhã vindes a usufruir.

Concorrei com o vosso auxílio!

Damos hoje nota de outros avultados auxílios com os agradecimentos do C. D. Montijo:

SECIL, 100 sacos de cimento; João da S. Sancho Barreira, um importante donativo em materiais de construção e os serviços da sua caminheta para transporte; M. F. Afonso Lda., mil escudos; Eusébio Pinto, mil escudos; Dr. José Rodrigues Pablo, quinhentos escudos.

No próximo número voltaremos a destacar outras importantes ofertas.

Correspondência

D. Isabel Pereira Ramos — Ervidel — Já devia ter recebido a sua encomenda. Com os nossos melhores cumprimentos.

Francisco Marques Pinho — Montijo — A morada foi rectificada conforme solicitou. Sempre ao vosso dispor.

D. Maria de Lourdes Pereira Anselmo — Lisboa — Tudo foi anotado conforme nos indicou. Os nossos melhores cumprimentos.

José Joaquim Costa Oca — Montijo — Cá ficou anotado mais um assinante. Muito obrigado.

— Cândido Tavares Rosa da Silva — Montijo — Cá recebemos a sua prosa e os seus versos. Basta por agora aguardar a oportunidade. Mande sempre, o que é preciso é continuação.

Estamos sempre ao seu dispor e dos leitores bem intencionados.

Mário do Carmo Ferreira — Odemira — Obrigado pelas suas palavras. Se Deus quiser tudo se há-de cumprir bem. «A Província» estará sempre às suas ordens e contará consigo como leal e dedicado correspondente.

José dos Santos Ferreira — Lisboa — Obrigado pelas vossas palavras amigas e bem assim pela proposta do novo assinante.

O seu pedido foi satisfeito.

Epifânio de Oliveira — Montijo — Anotado o vosso proposto. Muito obrigado. Receba os cumprimentos de «A Província».

Damaso de Carvalho — Montijo — No n.º 3 de «A Província», ainda se verificaram algumas deficiências na expedição. Pedimos-lhe imensa desculpa do seu «caso» que já foi sanado como deve ser do vosso conhecimento.

Apresentamos as nossas desculpas.

Mário Vicente — Montijo — Congratulamo-nos com as suas palavras. O seu pedido será tomado em consideração. Boa leitura.

Joaquim Pelica — Moita — Ao nosso solícito correspondente agradecemos-lhe o assinante proposto.

Mário Claro Lopes — Entrancamento — Muito brevemente receberá notícias nossas. A escassez de tempo tem-nos feito adiar o que estamos para lhe dizer.

Material Eléctrico

Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubo
Bermann - Tubo de Aço

CANDEEIROS
TELEFONIAS
RADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços

ABEL JUSTINIANO VENTURA
Praça da República — MONTIJO

Café Portugal

SALO DE FESTAS no 1.º andar — SALÃO DE BILHARES com Snookers

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BANQUETES
Com Salão Próprio

Praça da República MONTIJO

Vem a Montijo?

Procure o
Café Restaurante Barral
Rua da Barrosa // Telef. 026 202
Boas refeições aos melhores preços
só no **BARRAL**

Vai a PALMELA?

Visite o **Retiro Azul**
Serviço de café e Bar Telef. 020021

Amândio José Carapinha
AFONSOEIRO - MONTIJO

O feliz cauteleiro informa os seus Ex.ªs Clientes dos prémios grandes que já vendeu:

1347-10.000 contos-Lotaria Natal 1952
3206- 500 » -22-4-1947
7084- 500 » -3.º prém. Natal 47
992- aproximação-1.º prém. Natal 47

Faça as suas compras neste cauteleiro e terá muito dinheiro...

**Sensacional! ...
Baixa de Preços! ...**

Modelos desde Esc. 10.500\$00
As maiores facilidades de pagamento

Agentes exclusivos:
MARPAL, Limitada
Telef. 026 151 — Rua José J. Marques, 27
MONTIJO

A O primeiro SCOOTER do Mundo

JONECA, L.ª

Fabricantes dos deliciosos rebuçados de fruta e de vários tipos de Marmeladas finas.

Detentora do exclusivo dos
Rebuçados «Peitorrina»
fórmula do Dr. Avelino Rocha Barbosa. Os melhores no género contra a tosse e irritações de garganta.

Rua Agostinho Fortes, 12
MONTIJO

COSME BENITO SANCHEZ, L.ª

Armazém de Mercarias

Rua José Joaquim Marques, 127 a 133
Rua João Pedro Iça, 70 a 74

Telefone 026 024
MONTIJO

SOCIEDADE MONTIJENSE de Construções, L.ª

SERRAÇÃO-CAIXOTARIA
CARPINTARIA
Mecânica e Mercenaria
Trituração de Ceresis

Trabalhos em Alvenaria
Ferragens, Ferramentas e Drogas
Máxima perfeição na execução de Portas, Caixilhos, Armações, Portas frigoríficas, etc.

Orçamentos grátis
Telef. 026 366

Praça da República, 58, 60 e 61
MONTIJO

SANFER, L.ª

SEDE LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone
FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Execução esmerada de todos os trabalhos de

Carpintaria Civil e Mecânica

Portas, Frigoríficas - Caixilhos em todos os géneros

A TRIUNFANTE
CARPINTARIA MECÂNICA
DE
António Maria Calado
AGENTE DOS ESTORES «SIL, LDA.»

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua Sacadura Cabral Telefone 026 244 MONTIJO



do Minho ao Guadiana



TERRAS DA NOSSA TERRA

A VILA DE CANHA ALGARVE

pelo Prof. José Manuel Landeiro

— IV —

A Misericórdia — A Igreja de S. Sebastião

Ao tratarmos da Misericórdia de Canha, não podíamos de deixar de nos referirmos a um dos seus maiores beneméritos. Trata-se do Capitão Martinho Fernandes, casado que foi com D. Margarida Rodrigues. A sua benemerência deve-se, certamente, ao facto de lhe ter falecido a sua única filha, cujo nome se ignora. Este casal instituiu na igreja de S. Sebastião, que já então servia de Misericórdia, uma capela ou altar, com capelão privativo obrigado a rezar por eles e pela filha, Missa quotidiana. O capelão estaria sempre às ordens do provedor, faria os enterros gratuitamente a todos os irmãos e assistia às festas que se efectuassem na Misericórdia. Esta capela constituía um vínculo, onde se devia celebrar a Missa. Esta obrigação começou em 1674, sendo ainda vivo o casal, e na instituição do vínculo determinava-se a sua administração ao provedor e mais irmãos da Misericórdia da vila de Canha, com a condição «de se não dar nunca a dita capela para se ordenar a título dela.» Eram nesta altura os administradores da Misericórdia, Francisco Mendes (Provedor) e os irmãos Manuel Gomes Vega, Gaspar de Magalhães, André Miguel, Domingos Fernandes, Francisco Pereira César, Manuel Coelho, Tomé Francisco, Mateus Fernandes, Francisco Nunes e António Galvão.

O Capitão mandou fazer o retábulo (1) no altar que está na igreja do lado da epístola, (2) com o nicho e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que douraram e pintaram, coberto tudo com cortinas de pesalto de tafecina da Índia. No instrumento de instituição deste vínculo, declarou que «se um sacerdote aparecesse na família e queira ser capelão, terá a preferência, mas as mesmas obrigações.»

Tendo V. Ex.^a que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

O casal, enquanto foi vivo, pagava 80.000 réis a mais e casa ao capelão e, depois de falecido, deixou propriedades à Misericórdia, no valor de 2.885.000 réis. O casal tinha propriedades em Atalaia (Cabrela) que rendia 12 alqueires de trigo, 12 de cevada ou 2 moios (3) de qualquer deles; em Vale de Figueira, que rendia dois moios e 15 alqueires de trigo e um moio de centeio.

O casal tinha ainda propriedades em Coruche (4), em Lavre (5), em Erra (6) e Loures (7).

A filha e a mulher foram primeiramente sepultadas na igreja de Nossa Senhora da Oliveira e, depois, a pedido dele, foram transportadas as ossadas para a igreja da Misericórdia (S. Sebastião).

A morte do Capitão, foi o seu cadáver enterrado na sepultura onde jaziam os ossos da esposa e filha, ao fundo do altar vinculado. Na sua sepultura gravou-se o seguinte epitáfio:

SEPVITVRA. DO
CAPITAO MARTI
NHO FRZ E DE SVA
MOIHER MARGARI
DA RODRIGES E DE
SUA FILHA Q NESTA
SANTA CAZA TEM
HV CAPPELLAM CO
MISSAS COTEDIANA
PERA SEMPRE POR
SVAS ALMAS
ANNO DE 1674

Como já tivemos ocasião de dizer, este altar vinculado serve hoje de altar-mor.

Aqui têm os canhenses uns breves apontamentos para a monografia da sua terra, de que muito há ainda a dizer, pois o arquivo da sua Misericórdia é uma fonte inesgotável, desde que o investigador se dê à paciência beneditina de o consultar...

- (1) Estão pintados S. Martinho de Tours e Santa Margarida de Cartona, como disse-mos no I artigo.
- (2) Serve hoje da capela-mor.
- (3) Valia e vale ainda 60 alqueires.
- (4) Tinham as herdades Paranas, Galheira e Pinhões.
- (5) Tinham Vargens.
- (6) Tinham a propriedade Moreira Alta.
- (7) Tinham uma casa com capelão.

No próximo número:

A vila de Benavente

O litoral algarvio (o «Chenchir» dos Arabes) é, no Sotavento, formado por sapais, salgados, marinhas e esteiros, e dividido de Barlavento pelo cabo de Santa Maria. Tem uma fisionomia própria. É a grande zona de pesca. A face algarvia voltada para Espanha, desde Tavira a Vila Real de Santo António, subindo para Alcoutim, Castro Marim, Ribeira de Asseca e bacia de Odeleite, é seca rude e áspera.

Depois de Faro, para Sotavento, a primeira grande povoação é Olhão, vilamoderna, progressiva e industrial, terra de pescadores e de fábricas de conservas, a «vila cubista», como alguns lhe chamam, pelo aspecto imbricado das suas casas terraçadas de açoteias moiriscas, que se confundem num constante cruzamento de planos, erguendo para o alto o recorte gracioso das chaminés. Esta povoação algarvia, que uma remota origem não prestigia, aparece como uma surpresa fisionómica, prestigiada pela singular feição do seu casario que evoca melhor a moirisma do que a vetusta Silves. Olhão vive da pesca, cheira a maresia, resfolega na fatura de peixe, e o seu mercado movimentado e a lota gritadora são os seus melhores espectáculos, depois do panorama, revoltado de planos, do seu casario. A vila, que parece que deu à costa do Algarve, atirada por um temporal, pátria de Gil Eanes e do Patrão Joaquim Lopes, tradicionalmente marinheira, não tem monumentos. A Matriz é vulgar, feita pelos homens do mar, em 1698. Nossa Senhora do Rosário é a sua patrona, e é a ela, e a Nossa Senhora dos aflitos, onde o mulherio, ainda de bioco, vai rezar e imprecar nas horas trágicas das pescarias. A pesca do atum é um espectáculo único, quadro agitado e pitoresco que não esquece a quem o vê.

Depois de Olhão, vem a Fuzeta, centro piscatório e vinícola, ao mesmo tempo. Parenta mais pobre e mais pequena de Olhão, cheira, também, a maresia, e dá ao turismo o quadro agitado da apanha do berbigão. Uma igreja banal, um fortim, umas misteriosas torres em ruínas, são os seus adornos monumentais. As vinhas que dão o vinho da Fuzeta, tão nomeado, alastram em Moncarapacho, onde há uma igreja de três naves, com um portal Renascença. Perto fica o monte Figo (408 metros). Subida penosa e

panorama inesquecível. Vê-se Olhão, a Fuzeta, Castro Marim, Ayamonte, etc.

Segue-se à Fuzeta, a romântica Tavira, cidadezinha tranqüila, onde desembarcaram as tropas liberais, e que o cismo de 1755 destruiu. Alguns palácios, gelosias discretas, janelas lavradas, chaminés graciosas, dão-lhe certa grandeza evocadora. Na Praça da República, no cunhal de uma arcada medieval, está uma tosca carranca que se diz ser o rosto de D. Paio Peres Correia, o conquistador do Algarve. O Jardim Público, perto da ponte, sobre o rio que atravessa a cidade, dá uma nota refrescante. Janelas manuelinas, na Travessa de D. Brites, as ruínas da casa claustral dos Bernardes, e as do castelo, a Igreja do Carmo, do século XVIII, e a boa talha e a porta Renascença da de S. Paulo, são pormenores em que se deve reparar. O templo de Santa Maria do Castelo, que fica no alto, mostra-nos o portal gótico da primitiva, e um interior de três naves, com bons azulejos policromos e outros do século XVIII, noutras capelas. E uma abóbada, ogival, na do Senhor Morto. Na capela-mor está, à esquerda, o mausoléu de D. Paio Peres Correia, e, à direita, a jazida dos sete cavaleiros mortos em 1242. A Igreja da Misericórdia (1541), tem um notável pórtico da Renascença, entre pilastras coríntias, com um friso de folhas e figuras, e com uma imagem, baldaquinada, ao alto. No interior, de três naves, há boa talha rococó, e azulejos do século XVIII. Tavira, que se tem chamado, sem razão, a Veneza do Algarve, possui ainda um estabelecimento termal de águas minerais.

(Continua)

Crónicas irrequietas

(Continuação da 1.^a página)

Que se aproveita, afinal, disto tudo, — não me dirão?

Não seria muito mais útil se escrevessem acerca da nossa História, da nossa Geografia, dos nossos marinheiros, dos nossos guerreiros e heróis, dos nossos descobrimentos marítimos, do nosso folclore, da nossa fauna, da nossa flora, dos nossos pescadores, dos nossos trabalhadores rurais, dos nossos mineiros, dos nossos escritores, dos nossos poetas, pintores e músicos, dos nossos castelos, dos nossos museus, das nossas paisagens, das nossas belezas naturais, das nossas romarias, da nossa orografia, de tanta coisa portuguesa que continua ignorada pela juventude?

Por causa destas e doutras, por causa desta literatura de sueta as crianças não dormem tranqüilas, nem pensam deveras nos seus trabalhos escolares.

Ainda não há muito tempo que um neto meu, altas horas da noite, no meio dum sonho tenebroso, gritava:

— Para trás, pirata! Ou atravessa-te com uma bala da minha browning?

Já sabe dizer bráuningue... e não sabe como se chama o fundo dum rio!

Ora vejam...

Ora oiçam...

Ora espreitem...

Alvaro Valente

À minha terra

A minha querida terra,
M'embalou em pequenina.
No meu peito se encerra
Essa lembrança divina.

Por ela tenho um amor,
Um amor tão florescente.
Nasceu com grande fervor,
Quando eu era inocente.

Não morre, nem finda
mais,
Floresce na primavera
Como doces madrigais
Surgem de uma quimera.

Na minha tenra idade,
Encantava sua esperança,
Deixou-me infinda sauda-
de,
Esse sonhar de criança.

Um sorriso cor de rosa
M'envolvia o coração,
Essa fase tão saudosa
Desfez-se em emoção.

Depois, veio: — adolescên-
cia,
O tempo das ilusões,
Como se esvai a essência,
Esvairam-se as visões.

Hoje vejo a meu lado,
O espectro da soledade,
Numa sombra do passado
Diz: não volta a mocidade.

Só resta a recordação,
Da nossa terra, que é mãe,
Como um altar d'oração,
Nos encaminha ao bem.

Seja o povo abençoado,
Desse meu torrão natal,
Chegue ao grau mais ele-
vado
Riqueza de Portugal.

Eduarda Leite Ventura

Responda se é capaz:

- 1 — Porque é que o Rei nascido em Alcochete se chamou Manuel?
- 2 — Porque é que algumas igrejas de Misericórdias têm o púlpito fora, em vez de dentro do templo?
- 3 — Qual o significado das colunas que dividem o corpo das igrejas em naves?
- 4 — Qual é a rua mais sinuosa ou torta de Montijo? Porque tem esse nome (antigo)?

Guilherme de Almeida

(Continuação da 1.ª página)

*Mas, cedo ou tarde, encontrarás, um dia,
calado e frio, na gaiola fria,
o teu canário que cantava tanto.*

*E eu chorarei. Teu pobre confidente
ensinou-me a cantar tão docemente,
que todo o mundo pensará que eu canto.*

Assim, Guilherme de Almeida, em todos os seus versos, cantava a mulher, o amor, a beleza da vida, e a própria tristeza dos seus desenganos. Como poeta, sentimental por temperamento, que no amor procurava o lado bom das duas faces do mundo, a sua poesia tinha lágrimas que vieram da alma e caíram sobre o papel em que escrevia. Era mais por necessidade de exteriorizar sentimentos, despidos de censura, que propriamente para humilhar-se na descrença do amor, que essas lágrimas salpicavam de tristeza muitas das páginas dos seus livros. Chegava, mesmo, a parecer obcessão, a forma como falava da tristeza, tanto a acarinhava dentro de si, como se fora a melhor recordação dos seus amores.

Em «Suave colheita», o soneto X tem, propositadamente, como título, «Tristeza»; e nele todo um anseio doentio de ser triste se evola, extremamente flúidico, como necessidade física que não passasse do domínio espiritual:

*Tristeza, minha irmã de lábios silenciosos
vem meditar comigo!...*

Dentro desta maneira de ser, amorosamente cingida ao desejo inatingível de buscar no mundo a perfeição, conhecendo-lhe os maus aspectos mas esquecendo-os com um sorriso, Guilherme de Almeida cantou-os sem reticências, adaptando-os ao seu feitio sentimental. Para os poetas desse tempo, as mulheres, o vinho e as flores eram toda a sua inspiração. Poderia ser que a dama escolhida fosse vulgar e sem interesse — que para o poeta ela em tudo seria diferente das outras mulheres. A boca, o olhar, os cabelos, os gestos, o perfume da carne, impregnavam de suave misticismo o desejo de os imortalizar em poesia. E para o seu intento buscavam as palavras mais simples que dessem a visão idealizada toda a irrealidade que só o pensamento artístico pode imaginar...

*...Sou moço, és bela e temos
um bem que nós somente conhecemos
e que a vida não dá porque o não tem.*

A par dessa febre, uma outra, fazendo parte integrante da primeira, mais doce e mais voluptuosa, se possível, e que era o poeta ter a consciência de si mesmo, e gostar de ser olhado como poeta pelas mulheres.

Em «Carta a minha noiva», Guilherme de Almeida confessa:

*Tu, minha glória, a grande glória que é só minha,
vendo-me regressar dessa suave ascensão,
como um sonho a menos na alma e um verso a mais na mão...*

Guilherme de Almeida, parnasiano, discípulo de Bilac, sentimental, amoroso, triste, não soube fugir à tentação

da poesia moderna, mais fácil e mais escandalosa — quando não obedece ao mesmo sentido de elevação espiritual que é comum a toda a poesia.

Foi elogiado, pela sua deserção dos antigos moldes poéticos. Teria feito bem?

Se, como diz José Régio no seu estudo sobre a personalidade de António Botto, «Um verdadeiro criador permanece idêntico a si próprio através das suas criações mais originais, sem por isso deixar de evolucionar», Guilherme de Almeida evoluiu e tornou-se melhor poeta, na interpretação de Andrade Muricy, quando se dedicou à poesia *Verde-amarela*:

«Guilherme de Almeida representa de tudo esplêndido instrumento de expressão: harpa eólia... Constitui exemplo do que vale, intrinsecamente, a expressão, e advertência aos novos que desdenham da expressão, que a subordinam por completo à torrente surda do sub-consciente».

Pois apesar de tudo, e respeitando embora a opinião do autor de «A nova literatura brasileira, ou seja pela aridez do assunto, ou seja pela diferença do ritmo que era um dos maiores encantos da poesia de Guilherme de Almeida, ou até mesmo pela nova maneira de expressão, não ecoam dentro de nós, com a mesma harmonia doce das águas correntes, as poesias da nova faceta do artista, aliás consideradas magníficas pelos turibulários do modernismo. E aqui damos um exemplo:

GRAMOFONE

*Que grande luz pesada
que cai reta bruta chata na terra parda
e abala o ar e abate as aves
e abafa as árvores.
O silêncio ferve. Apenas dos quintais de esmeralda
vem um canto molhado de linho batido —
batido — batido.*

*De repente contra
o dia áspero de pó de vidro,
o dia de lixa, alguém risca uma ponta
rascante de ferro: — e uma voz ora fanhosa
ora rouca ora arenosa
rasga ao meio o imenso
imenso silêncio.*

A diferença é sensível, havemos de concordar. O Guilherme de Almeida que aqui nos aparece versando um tema materialista e acre, não parece o mesmo, confessemos, que escreveu as páginas cheias de amor, de saudade, de imagens brilhantes e rimas fluentes de tantos sonetos considerados do mais puro quilate.

Todavia, não nos admiramos que os defensores da liberdade poética, como suprema expressão do pensamento, encontrem neste, como de resto noutros exemplos, a beleza, a elevação a harmonia e a perfeição da ideia que os decadentes afeiçoados da poesia chamada clássica não conseguem encontrar.

E não se sabe quem é que tem razão!

A. Rosado

Ecos de «A Província»

Dois nomes de valor, ingressam hoje no quadro dos colaboradores do nosso jornal, António Rosado e Alves Monteiro, jornalistas distintos cuja prosa vai por certo agradar aos nossos leitores. São valores positivos nas letras portuguesas que muito honram as colunas de «A Província»

Algumas irregularidades nos serviços de expedição e distribuição do jornal, continuam mau grado nosso, a verificar-se. Porque uma publicação nova, sofre fatalmente estes precalços, apelamos para a compreensão, boa vontade e auxílio dos nossos assinantes afim de que ao notarem qualquer deficiência nestes serviços nos avisem imediatamente.

A's referências feitas ao nosso jornal juntamos hoje as dos seguintes colegas que penhoradamente agradecemos: «A Voz», «Distrito de Setúbal» e «Vida Ribatejana».

César Pratas, um jovem que já é mais que uma promessa no jornalismo, vai em breve iniciar a sua colaboração no nosso semanário. Estamos em acreditar que ele será uma agradável revelação para os leitores de «A Província»

**PNEUS
M A B O R**

Agência oficial:
Viuva & Filhos de Román Sanchez

S A C H S

A bicicleta motorizada acreditada universalmente

Agente Exclusivo:
Fernando Capela
R. Bulhão Pato, 22 - Telef. 026 177
MONTIJO

Se quer vestir bem e barato

SÓ NA

Alfaiataria Progresso
de AMÉRICO DE ALMEIDA

Execução perfeita

Corte impecável

R. Joaquim d'Almeida (vulgo R. Direita), 5-1.º-D.º
MONTIJO

Representações REPAL, LDA.

Livraria - Papelaria - Perfumaria - Tabacaria - Comércio Geral

Estores «Aluminium» para todos os fins - Carimbos de todos os tipos - Capachos para automóveis

A A B R I R B R E V E M E N T E

Praça Gomes Freire de Andrade, 22

MONTIJO

Sociedade Montijense de Representações, L.º

Agentes das melhores marcas de Aparelhos de Rádio MEDIATOR e MOLLARD - Máquinas de Escrever, Calcular e Somar ROYAL, FACIT e SUMMA

R. Almirante Cândido dos Reis, 38
TELEF. 026 288 MONTIJO

CARVALHO & C.ª, L.ª

Rua Almirante Cândido dos Reis, 34
Telefone 026 324 MONTIJO

Agentes no concelho de Montijo de
A D L E R

A máquina de escrever alemã que todos preferem
ADLER, a alegria do bom dactilógrafo // Compre uma
ADLER e comprará a melhor máquina de escrever

DROGARIA ORIENTAL

de
José de Sousa Martins

DROGAS, TINTAS e VERNIZES // ARTIGOS DE VASSOUREIRO e PINCELARIA

Vidros para vidraças — Louças em barro — Cal em pedra, etc.

Rua Joaquim de Almeida, 53 — Montijo

António Joaquim Lucas Catita

ESTAFETA entre MONTIJO, LISBOA e vice-versa

Aceita serviços ao mês e trata de documentação de automóveis e trocas de cartas de condução

Praça da República (Beco do Forte), 10 — MONTIJO
Telefone 026 037

Rua das Correioiros (Porteiro), 140 — LISBOA

Joaquim Mendes Capela

Máquinas de Costura HUSQVARNA — Balanças e Medidoras EXACTA — Frigoríficos — Rádios — Máquinas de Escrever — Motores de Rega e Eléctricos — Baterias — Esquentadores — Bicicletas — ARTIGOS PARA A INDÚSTRIA

RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 81
TELEFONE 026 169 — MONTIJO

Será o eixo terrestre que desta vez nos ameaça?

(Continuação da página 4)

ocupado pela camada polar antártico. Os Continentes da América estavam situados ao longo da linha equatorial num lado da Terra, enquanto o leste da Sibéria e a China ocupavam o outro lado da dita linha. A camada polar tornou-se demasiado pesada e a força centrífuga fez com que ela deslissasse para a periferia de rotação, que é onde se encontra hoje em dia o vale do Sudão. O gelo derreteu-se e deixou uma depressão de 6.436.000.000 de metros quadrados na superfície da Terra.

Cerca de 3.600 anos antes que o vale do Sudão ocupasse o seu actual lugar, a região da Baía de Hudson, no Canadá, continha a camada de gelo do Pólo Norte. A África, Bornéu, a América do Sul e a Índia estavam ao longo da linha equatorial. Contudo, podem ver-se vestígios da antiga camada de gelo na região do Canadá, chamada *Laurentian Shield* e nos *Canadian Heights of Land*.

Brown explica num seu livro por que sustenta que o Lago de Chad e a Baía de Hudson foram os lugares onde se depositou a camada polar: "... a identificação da região está baseada no facto de que a distância entre o Lago de Chad e o vale do Sudão é, aproximadamente, a mesma que a distância entre o Lago de Chad e o eixo polar actual, que, por

sua vez, é igual à distância percorrida pelo Lago de Chad durante a última deslocação do eixo terrestre. Sabemos que cada camada de gelo deixa uma depressão e que cada oscilação do eixo permite que os pólos percorram cerca de setenta graus de latitude. Com estes dados localizamos a posição ocupada pelos pólos em épocas passadas».

«Estamos vivendo em perigo», diz Brown. «Talvez o facto de que a camada de gelo polar esteja dividida pelo Mar de Bering, permita que esse gelo se encaminhe para o mar. Mas tudo indica que a camada do Pólo Sul já atingiu a sua maturidade. Talvez haja tempo ainda para salvar a nossa civilização. O problema é manter o nosso planeta num estado de equilíbrio dinâmico e não permitir que saia da estabilidade. Para isto é preciso lançar mãos à obra sem perda de tempo».

O plano de Brown para salvar o mundo é estabelecer uma Fundação para o Controlo da Inundação Mundial, informando-se o público do imminente perigo.

A Marinha de Guerra dos Estados Unidos deverá bombardear as costas antárticas para romper o gelo e fazê-lo flutuar até ao mar. Só fazendo isto, diz Brown, poder-se-á adiar o inevitável cataclismo.

Crónica da Capital

(Continuação da 1.ª página)

testam, insultam mesmo, deliram, suam, sofrem, durante todo o tempo do desafio. Saiem de lá extenuados, como qualquer um dos jogadores que tomaram parte no jogo, indignados ou contentes, mas sempre prontos para outro.

Mas por que seremos assim? Será por que necessitamos de quebrar a monotonia das nossas vidas com a violência da sua prática, dando evasão aos sentimentos selvagens que existem entre nós?

Não é só nos campos de futebol, no momento dos desafios, que existe o interesse pela bola. Durante toda a semana travam-se as discussões. Apoiam o profissionalismo ou acusam o amadorismo, falam em decadência e apogeu, consagram de heróis aos jogadores, examinam as perspectivas, tratam da salvação do futebol com a mesma seriedade que empregam para a solução dos seus mais graves problemas pessoais.

Rollin de Macedo

Mistérios Rosacruz

Todo o investigador sincero que procure a suprema verdade e o poder místico conhecidos pelos antigos sábios, pode escrever solicitando um exemplar grátis do livro «O DOMÍNIO DA VIDA». Esta obra remete-se sem compromisso algum aos que desejem estudar a leis superiores da Natureza e da ciência mental.

ESCRIBANO III

Templo de A. M. O. R. C. (Parque Rosacruz)
San José, Califórnia, E. U. A.

I. Fernandes Repas, L.º

MERCEARIA FAZENDAS E PADARIA
EXPLORAÇÃO AGRICOLA
R. A. Cândido Reis, 90 - R.
Bulhão Pato, 1, 3 e 5
Telef. 026080 MONTIJO

CONCURSO

O Campeão de «A Província»

Quanto à concorrente D. Maria da Conceição dos Santos continua, parece que pelas jornadas mais próximas sem perigo de maior, contudo os srs. Manuel Militão de Carvalho e António

3.º — O concorrente que durante o prazo do concurso consiga obter o maior número de assinantes será proclamado *O Campeão de «A PROVINCIA»*.

Classificação na 4.ª etapa

1.º — D. Maria da Conceição dos Santos	— Montijo	— 72 pontos
2.º — Manuel Militão de Carvalho	— »	— 23 »
3.º — António Lucas Catita	— »	— 19 »
4.º — António Sampaio Martinho	— Canha	— 8 »
5.º — Álvaro Serra	— Montijo	— 6 »
6.º — Eugénio Vieira Branco	— »	— 6 »
7.º — Francisco Piedade Martins	— »	— 5 »
8.º — Afonso da Silva Campante	— Tramagal	— 4 »
9.º — Jaime Gonçalves Cosme	— Lisboa	— 4 »
10.º — Eduardo Santos Baeta	— Montijo	— 3 »
11.º — Elídio Cunha Dionísio	— »	— 3 »
12.º — D. Izilda Coelho Sampaio	— V. Novas	— 3 »

Lucas Catita deram um grande pulo nesta última semana.

É interessante o despique entre o 2.º e 3.º classificados.

O concorrente que está em 2.º lugar só de uma acentada ganhou 18 pontos. Parabéns, mas não confie muito porque o sr. Catita está apenas a 4 pontos e sabemos de fonte segura que também não é pessoa para cruzar os braços.

Os mil e quinhentos escudos continuam à espera dos felizardos. Mas os prémios não pararam ainda aqui...

Ainda faltam 5 meses para findar o concurso...

Quem será o campeão ou campeã de «A Província»? E o sub-campeão?

Condições gerais do concurso

- 1.º — Todos os leitores ou leitoras podem concorrer.
- 2.º — O concurso terá a duração de seis meses, com início na data do primeiro número do nosso jornal.

4.º — Em todos os números do nosso jornal e até fim do concurso, será indicada a classificação semanal dos primeiros dez concorrentes.

5.º — Ao concorrente proclamado *Campeão de «A PROVINCIA»* será entregue a quantia de MIL ESCUDOS.

6.º — Serão ainda contemplados com prémios que oportunamente iremos anunciando todos os concorrentes classificados até ao 10.º lugar.

Aviso importante: Os prémios só serão entregues, depois de os assinantes propostos efectuarem o pagamento das assinaturas do nosso jornal.

Mande hoje mesmo a sua primeira lista

CASA DAS VERGAS

A UNICA NO GENERO

É preferida pela variedade e bom gosto dos seus artigos

TELEFONE 026 260 - MONTIJO

Folhetim de «A Província»

N.º 4

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

—Sou neto. Chamo-me Irvine. Alan Irvine.

Mas não foi certamente para me conhecerem que empreenderam tão difícil viagem!...

Se eu lhes poder ser útil nalguma coisa, não hesiteis em me dizer.

—Agradeço - vos «Mister»...

...«Mister Irvine. Sois verdadeiramente amável.

—Pelo que sei, meu avô escreveu-vos, no leito da morte—comecei eu, e pondo a questão directamente perguntei:—Porque vos mandou ele chamar?

Os dedos magros do homem passaram nervosamente

te pela cara, e por fim quedaram-se procurando o bigode.

—É...que...disse ele—É que nos prendia uma grande amizade.

Não pude evitar um expressivo gesto de profunda irritação.

—Vós quereis dizer, que preferis guardar segredo?

—Pois que «Mister» Swinburn está morto...

O olhar do homem era deveras sombrio, depois de uma hesitação continuou:

—Sim, é um assunto que não devemos abordar «Mister» Irvine. Isto nada tem a ver com a vossa situação.

Suponho que herdou todos os bens do seu avô?

Maldizendo as reticências a propósito dos trabalhos que o deviam ocupar com meu avô, eu resolvi no entanto falar com franqueza.

«Mister» Paul soube dispor o assunto de tal maneira que fiquei indeciso sem saber como encarar aquele homem que me intrigava e ao mesmo tempo me oferecia uma secreta confiança.

—Sim, «Mister» Swinburn deixou-me todos os seus bens—, respondi—e a comunicação desta herança surpreendeu-me bastante. Ele nunca me tinha visto! Era como se eu nunca tivesse existido! A minha mãe, casou-se contra sua vontade.

Era filha única e a sua cólera foi grande. Meu pai é de Omah, no condado de Tyrone, foi aí que também nasci, tendo depois ido para a Irlanda.

—Foi de lá que veio para aqui?

Respondi que morava em Londres.

—Dirijo uma agência da firma onde estou empregado.

Meu avô ignorava completamente que estivesse em Inglaterra, foi o advogado que depois da sua morte descobriu a minha direcção... Mas será melhor comerem qualquer coisa, aqui está o vosso jantar «Mister» Paul.

Durante a refeição, reparei que o companheiro da jovem, se lhe dirigia com um certo respeito dando-lhe umas vezes o nome de «Miss» Lucille, outras de «Miss» Paradene.

Não pude deixar de pensar, qual seria a ligação que entre os dois existia. Certamente que não eram muito íntimas, mas parecia entenderem-se perfeitamente. Uma coisa se tornava evidente:

«Mister» Paul, estava num estado de nervoso incrível. Comia pouco, e várias

vezes se endireitava na cadeira, parecendo escutar e com os olhos fixos nas janelas.

—Já alguma vez veio a *Falcon Castle*?—perguntei

—Oh! sim..., uma ou duas vezes—respondeu ele muito depressa.

—E conhecia bem o velho Swinburn?

«Mister» Paul bebeu um gole de vinho antes de responder.

—Sim—disse por fim—eramos velhos amigos.

—Então espero que me possam responder a algumas perguntas—repliquei por minha vez—cheguei ontem, e não estou ainda inteirado de outros permenores, além de que há muitos assuntos que não consegui compreender.

—Ah! julgo que de pouco o poderei informar. O que deseja saber?

(Continua)

